

TEORIA DA LITERATURA, CRÍTICA LITERÁRIA E ENSINO

*José Hélder Pinheiro Alves**

Cada literatura tem ou terá um dia fatalmente, sua crítica própria. O verdadeiro problema crítico da literatura brasileira não pode ser colocado em termos franceses ou ingleses mas só em termos brasileiros. (Otho Maria Carpeaux)

Introdução

Pensar possíveis contribuições da crítica literária e da teoria da literatura para o ensino da literatura no nível médio é o objetivo deste artigo. Estas contribuições, como estão sendo propostas aqui, pressupõem uma mudança no modo de ensinar literatura que consiste em ter o texto literário como eixo, como peça principal. A partir daí, acreditamos ser possível levantar algumas propostas de colaboração da crítica e da teoria literária.

A proposta que fazemos foge, portanto, do mero aplicacionismo teórico e, por certo, solicitará do professor de literatura uma exigência maior de estudo teórico-metodológico. Não há propriamente uma novidade no que vai aqui para ser discutido. Tentamos apenas fugir o mais possível a um modelo aplicativo de teoria e de conceitos e buscar, a partir da experiência concreta de leitura de obras de diferentes gêneros literários, como que elaborar com elas conceitos iniciais, que, futuramente poderão ser confrontados com os estudos teóricos sistemáticos.

Ao fazermos esta proposta, partimos de algumas

*Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande.

PINHEIRO, Hélder; NOBREGA, Marta.
(orgs.) Literatura: da crítica à sala
de aula. Campina Grande (PB), Bagagem,
2006.

experiências de acompanhamento da prática de ensino de literatura no nível médio realizadas aqui na UFCG e de nossa própria experiência como professor no nível médio e, atualmente, na universidade.

Partimos do princípio de que os professores que lerão este artigo já têm uma reflexão sobre teoria da literatura e crítica literária. Portanto, nos eximimos de fazermos uma apresentação ampla destes conceitos o que fugiria de nosso objetivo. Indicamos, para uma discussão inicial, o livro de René Wellek *Conceitos de Crítica*, mais especificamente o ensaio denominado “Teoria, Crítica e História Literária”¹

Que teoria?

Quando retornamos à leitura da *Poética*, de Aristóteles, um procedimento, recorrente em todo o texto, nos chama a atenção: trata-se da referência a inúmeros escritores, muitos dos quais sabemos que existiram apenas pela citação que o filósofo faz em sua obra. Ou seja, todas as formulações de Aristóteles se baseiam numa longa e refletida experiência de “leitura” das obras de seu tempo. O filósofo, portanto, não formula conceitos e teorias a partir do nada. A reflexão está calcada numa experiência concreta de leitura. Anos depois (ou melhor, séculos depois), tudo o que o filósofo afirmou transformou-se, na mão de retóricos, professores e críticos, em normas muito mais rígidas do que certamente supunha o filósofo. A cristalização de determinados achados teóricos parece regra na experiência escolar. Veja-se nos últimos anos, o uso da teoria das funções da linguagem, de Jakobson. Os livros didáticos do ensino médio traziam sempre (e alguns ainda trazem) uma unidade sobre as funções da linguagem acompanhada de inúmeros exercícios de reconhecimento da função predominante. Mas me pergunto: em que este

procedimento ajudou na formação de leitores de literatura? Minha pergunta nasce de minha própria experiência como aluno e depois como professor. E o problema não está nos conceitos formulados por Jakobson em si, mas no modo como eles foram mecanicamente utilizados.

O fulcro, quando se aplica uma teoria consagrada, é provar que aquele conceito é operante e ensinar ao outro (o estudante) a utilizá-lo adequadamente. Ou seja, a preocupação de teóricos, críticos, historiadores e professores deixa de ser observar as obras, estudá-las e, partir daí, ensaiar uma teoria – perceber o nascimento ou transformação de um gênero, dentre outros aspectos. E se não for possível formular algum conceito ou pelo menos chegar a algumas abstrações a partir da reflexão e apreciação das obras. O que estou querendo dizer é que deveríamos fugir dos esquemas dos livros didáticos de literatura que sempre iniciam oferecendo conceitos e quase nunca colaboram para despertar o interesse pela literatura.²

Compreender a natureza da literatura, estudar os diferentes gêneros e sua rígida caracterização, determinar a estrutura de obras, as influências, entre tantas outras questões, tornou-se uma imposição para o estudioso da literatura. Até aqui tudo bem. Se alguém se propõe a fazer um curso de letras, pressupõe-se que estaria disposto a conhecer a fundo tanto as obras literárias quanto os diferentes modos como elas foram compreendidas e classificadas ao longo da história. E mais, pressupõe-se, também, que o estudo desta rica tradição deva ser feita recorrendo-se, minimamente, às fontes. Este caminho ajuda a evitar determinados reducionismos e, sobretudo, algumas interpretações que se distanciam do texto original.

Mas o que fazer com jovens sem tradição de leitura literária? Ou com uma tradição pouco estimulante, com leituras de fragmentos de obras e cheia de cobranças retóricas? Ou ainda, leituras marcadas por interpretações fechadas das obras, que não possibilitam o debate, a colocação livre e responsável

de pontos de vista, e, ao mesmo tempo, a exigência de que se justifique tudo que se está afirmando sobre a obra?

Ora, o ensino da literatura se tornou, para a maioria dos alunos do nível médio, não um encontro pessoal com uma determinada obra, mas um tormento, uma vez que têm que decorar uma lista relativamente longa de autores e obras, características de estilos de época, afora as fichas de leitura (que agora mudaram de nome) para serem respondidas.³ O mecanicismo é a moeda corrente, com algumas poucas exceções. E esse tormento, nalgumas escolas, saiu do ensino médio e chegou até a sétima série do ensino fundamental. Ouvi de muitos alunos do ensino médio a afirmação de que gostam de ler mas não gostam de aula de literatura.⁴

Pensando saídas (ou entradas)

Uma saída que os livros didáticos têm encontrado, sobretudo quando desejam conceituar texto literário e texto não literário, fortemente influenciadas pelas correntes de crítica oriundas do Formalismo Russo, como o estruturalismo, é, funcionalmente, colocar dois textos: um literário, outro não literário e levantar, muitas vezes com a colaboração dos alunos, os traços diferenciadores entre eles. E para chegar à diferença fundamental, há que articular conceitos, sobretudo sobre linguagem literária, funções da linguagem e outros mais.

Volto ao nosso Aristóteles: a teoria deve vir, não tenho dúvida, mas não antes da experiência real e significativa da leitura. Primeiro ler... diferentes textos, de diferentes gêneros, de épocas diferentes, por que não? E depois, bem depois, a partir dos textos lidos, lembrando do método de Aristóteles, ir formulando com eles os conceitos. E para não dar a impressão de que descobrimos a pólvora, mostrar que estas reflexões existem e que, sobretudo para quem deseja se dedicar aos estudos literários, elas devem ser conhecidas. Ou, outra

perspectiva, mas respeitando sempre a necessidade de priorizar a leitura do texto literário, à medida em que forem surgindo necessidades de conhecimentos teóricos, o professor ir introduzindo-os paulatinamente. Por exemplo, se estou estudando a poesia de Vinícius de Moraes e tenho acesso a inúmeros sonetos, é interessante informar sobre esta importante forma de poesia lírica: sua origem, alguns grandes sonetistas, possíveis diferenças entre um soneto camoniano, um soneto parnasiano e um soneto de Vinícius de Moraes.

Desta forma, creio, estaremos ensinando realmente literatura e, a partir dela, poderemos ir aproximando os jovens leitores dos diferentes modos como ela foi vista ao longo dos séculos, como foi recebida e apreciada. Mas o eixo, repito, é o texto literário. Portanto, não defendo a idéia de se começar estudar literatura partindo de conceitos advindos da teoria da literatura. Acho a teoria literária importantíssima, mas para os professores, para os críticos, para os leitores já iniciados. Para jovens leitores, não me parece boa idéia e os resultados para a formação de leitores de literatura estão aí para comprovar. E nem creio que o que os livros didáticos têm ajudado a conquistar novos leitores.

O lugar da crítica

As discussões sobre crítica literária são tão antigas quanto os próprios gêneros literários. Qual seria a função da crítica? Existe, hoje, uma crítica literária? Não vou discutir estas questões, até mesmo porque elas me parecem bem discutidas desde a década de 50 e 60, do século XX, por autores como Álvaro Lins, Carpeaux, Adolfo Casais Monteiro, entre tantos outros. Certamente não existe mais, hoje, uma crítica literária jornalística nos moldes da que existiu na década de 30, com Mário de Andrade, de 40, com Álvaro Lins, Sérgio

Buarque de Holanda e 50 com Antonio Candido, Sérgio Millet e tantos outros.⁵

Parto do princípio de que a crítica literária existe, sim, e tem sua relevância⁶. É ativa e como quase tudo, mudou de forma, perdeu alguns espaços, encontrou outros. E dentre estes outros espaços conquistados, o acadêmico parece ser, hoje, sua morada mais segura.

Para que serve, então a crítica literária? Sinto-me autorizado a dar uma resposta mais pessoal. Quantas vezes uma obra literária lida provoca em nós diferentes tipos de estranhamento. Agrada, desagrada, escandaliza, deixa-nos perplexos, assustados ou dá-nos a sensação de que não entendemos muito bem aquele objeto estético que foi lido. E aí, lemos um ensaio, ou mesmo um pequeno artigo e somos como que iluminados. Retornamos à obra com uma compreensão nova, ou com pistas para uma compreensão nova. E mais: somos como que instigados a refletir mais detidamente sobre o livro lido e o que o autor do artigo ou do ensaio nos colocou. Neste sentido, o texto crítico teve uma função importante de chamar a nossa atenção ora para um detalhe que havíamos deixado de lado, ora para uma informação a que não tínhamos acesso, ora para uma ligação com outras obras ou outras culturas, etc. Mas também pode, o artigo do crítico, causar em nós o desejo de refutar ou de relativizar o ponto de vista do autor. Em todas estas situações o texto do crítico nos ajudou a ler, isto é, nos ajudou a construir sentidos novos para a obra lida. É nesta perspectiva que a crítica me parece sempre essencial e tem me ajudado a ler melhor muitas obras literárias. Veja: ela não deve substituir o modo do leitor ver e sentir a obra, mas ela pode como que ajudar a prolongar a experiência que ele tem com a obra. Estou pensando num leitor humilde, capaz de ouvir o crítico – ou o colega, o aluno ou aluna, um interlocutor, qualquer que seja.

Se fosse exemplificar os momentos em que vivenciei

uma experiência de compreensão mais ampla de uma obra literária a partir da leitura de um texto crítico, seriam muitos exemplos. Cito apenas quatro, no âmbito da poesia e da ficção. Ainda estudante de letras, li o ensaio de Davi Arrigucci Jr. sobre a poesia de Manuel Bandeira. Especificamente, a leitura que o crítico faz do poema “Martelo”. Esta leitura foi verdadeiramente iluminadora. Eu já era um leitor assíduo de Bandeira, mas ainda não sabia reconhecer e explicar a atitude fundamental do poeta diante da vida e da poesia. Outro exemplo, ainda com Bandeira, foi a leitura que Antônio Candido faz de “Rondó dos cavalinhos”. Retornei inúmeras vezes a estas duas leituras e sempre a indiquei em sala de aula. Entre outros motivos, porque além de serem reveladoras dos sentidos dos poemas, são também reveladoras enquanto método. Ou seja, são ensaios que nos ensinam a ler – não só o Bandeira, mas a poesia como um todo.

No âmbito da ficção, o primeiro exemplo, que me parece significativo, ocorreu também com um ensaio de Antonio Candido. Como a leitura de *Memórias de um Sargento de Milícias* cresceu no meu conceito depois da leitura da *Dialética da malandragem*. Quem quiser saber porque, vá ler o livro e o ensaio de Candido.⁷ O segundo exemplo no plano da ficção foi com um escritor modernista. A primeira leitura que fiz de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, retirado o lado engraçado, que muito me chamou a atenção, ficou-me pouco. Foi aí que li, por indicação de uma professora, o ensaio “Miramar na Mira”, de Haroldo de Campos. As indicações mais teóricas, parodísticas que estão na base da construção do romance, o estudo da linguagem como um todo, foram muito reveladores.

Somos, todos sabemos, leitores cheios de limites: limites relativos a nossos conceitos e preconceitos que influenciam enormemente nossas leituras; limites advindos da impossibilidade de conhecermos tudo – há tanta experiência

humana, cultural de que não temos nem teremos acesso; limites de nossa compreensão, de nosso gosto que é marcadamente cultural, de nossa formação às vezes tão lacunosa e muitos outros. Em meio a esses limites enfrentamos as obras literárias e muitas vezes precisamos do apoio de outros leitores. Esta atitude humilde poderá ser bem proveitosa. Ela nos abre a possibilidade de novas aprendizagens. Isto não significa aceitar passivamente qualquer leitura, qualquer interpretação. Acho que é imprescindível *dialogar* sempre com a leitura do crítico. Jamais silenciar e assumi-la como definitiva.

A crítica na sala de aula

E agora vem o segundo momento de nossa conversa: a relação da crítica literária com o ensino de literatura – mais especificamente no ensino médio. Penso que esta relação deverá ser sempre de parceria. Noutras palavras, o professor de literatura deveria estar sempre às voltas com a crítica, tendo em vista que ela poderá, aceita na perspectiva acima referida, ajudá-lo na descoberta de novos sentidos para as obras literárias. E se a crítica a que o professor teve acesso tiver uma complexidade conceitual não adequada a seu aluno, sua função será de tradutor desta leitura, talvez de um aspecto, de um achado. Ou, melhor ainda, através de questões que levem o jovem leitor a descobrir novos sentidos na obra lida.

Novamente, não posso me furtar à minha própria experiência como professor de literatura – tanto no nível fundamental e médio quanto atualmente em nível universitário. Muitas vezes me vali de estudos críticos para ministrar aulas, analisar poemas e contos. (Claro, sempre indicando as minhas fontes e incentivando os leitores, sobretudo os universitários, a freqüentá-las). As primeiras aulas que ministrei no nível médio e depois na Universidade, sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, foram todas calcadas nas reflexões de Benedito

Nunes, sobretudo.⁸ O meu trabalho era, vou usar uma palavra que está bem cotada e que é bastante significativa, de transposição didática. Claro, minha experiência pessoal de leitura dos poemas repetidas vezes e em voz alta contavam (e contam muito) neste trabalho de sala de aula.

Penso, portanto, que a crítica literária é fundamental para o professor de literatura, não para substituir a leitura do professor e dos alunos, mas para estimular em novas descobertas de sentido e para ajudar o jovem leitor a encontrar o caminho da leitura significativa, que, lembremos, às vezes é exigente, diríamos mesmo, cansativa.

E aqui quero só acenar para uma questão importante: uma boa leitura ou uma leitura significativa estará sempre a nos exigir tempo, reflexão, análise detida das obras. Trata-se, portanto, de algo muitas vezes cansativo, mas, por outro lado, que nos oferecem um imenso prazer. O prazer de ler, tão badalado, nasce do esforço, do trabalho. Não é, portanto, um mero passatempo.

O aluno de letras, o professor ou professora de literatura ganharia, creio eu, lendo obras literárias, refletindo sobre elas, mas também lendo como os outros homens, de nossa ou de outras épocas, leram as mesmas obras. E cultivar o senso de diálogo com a obra e com seus leitores. E seus leitores são, sobretudo, seus alunos. Este exercício parece-me fundamental. E vou trazer um outro exemplo: uma professora que concluiu uma Especialização em Literatura e Ensino recentemente aqui na UFCG, ao trabalhar com seus alunos do bairro pobre, poemas de Cecília Meireles, trouxe-nos alguns elementos importantíssimos para, no mínimo, levarmos em conta quanto trabalhamos com o texto literário em sala de aula. Dentre os poemas lidos para suas crianças estava “O menino azul”, aquele que fala do menino que “quer um burrinho para passear/ um burrinho manso que não corra nem pule/ mas que saiba brincar...” Contou-nos a professora que uma das discussões

que dominou a sala, naquele momento, foi sobre o preço do jumento. Qualquer professor tenderia a cortar o papo sobre o preço do jumento, o que seria lamentável. Os alunos trouxeram, a seu modo, o poema para suas vidas. Se tivessem que viajar, o burrinho manso passaria a ser o jumentinho do quintal. E são muitos os jumentinhos que ainda povoam nossa cidade, nossos bairros mais pobres. Todos os dias eles passam à frente de nossa Universidade carregando papel, verdura, servindo de instrumento de subsistência de muitos. Os meninos gostaram do poema, sim. Ilustraram-no, mas souberam lê-lo por um viés que nem eu nem a professora havia pensado: pelo viés da experiência deles, o viés mais adequado.

No âmbito do ensino médio, acredito que poderíamos trabalhar como pequenos ensaios ou artigos sobre determinadas obras literárias - depois de lida a obra ou mesmo antes de ter contato com ela. Quantas vezes nos dispomos a ler uma obra depois de um comentário de um amigo, da leitura de um artigo? Não estou pensando nos famosos resumos de enredo. Penso em textos que discutissem determinados temas e o modo como são expressos; e que levantasse questões para discussão. Este espaço está aberto para produção docente. Na Universidade quase nunca pensamos numa produção acadêmica que possa ser útil ao ensino fundamental e médio. O medo de “ser didático” tem inviabilizado e, nalguns casos, paralisado a muitos. Acredito que é possível ser didático sem ser, necessariamente, rasteiro. E acredito também que os alunos, devidamente estimulados/motivados, poderiam realizar alguns exercícios de crítica, que tivessem como leitores os próprios colegas de escola. Ou seja, um aluno leu três quatro poemas de um mesmo universo temático. Vale a pena estimular a escrever ou falar sobre o que leu. As visões sobre o amor são as mesmas? Uns são mais sensuais, outros mais idealistas, uns usam uma forma mais livre, outros, velhas e significativas formas? Há imagens que chamaram a atenção? E ao expressar

seu ponto de vista sobre o texto – sempre fiel ao texto -, o estudante estará fazendo um exercício de crítica. Ou, como se usa mais contemporaneamente, estará realizando uma leitura daqueles textos. O mesmo pode acontecer com um filme assistido, com contos e crônicas lidas, etc. Imagino, inclusive, que algumas avaliações poderiam ser a apreciação dos alunos sobre as obras literárias lidas. Mesmo quando se rebelam contra obras que para nós professores são canônicas. Quem sabe eles não tenham razão sobre um aspecto que não havíamos pensado? Quem, dentre nós professores, não teve um livro clássico que detestou – por diferentes razões, inclusive porque foi obrigado a ler, ou leu num momento inadequado – e anos depois o redescobriu?

E o que fazer com a teoria?

A pergunta mais exigente não é bem esta que acabamos de ler. Talvez seria melhor perguntar: que teoria deve ser construída, elaborada no cotidiano das leituras literárias? Esta pergunta recoloca questões serias que poucas vezes enfrentamos. Será que toda teoria literária construída a partir da análise de centenas de obras possibilitam-nos os mesmos caminhos de leitura e compreensão de nossas obras literárias? Não haveria peculiaridades teóricas a serem formuladas a partir de obras literárias escritas em nossa língua, dentro de contextos tão diversificados? Não estou querendo negar toda a construção da teoria literária ocidental, sobretudo a do século XX. Estou postulando outra questão: ao invés de cair sempre no aplicacionismo de teorias, buscar formular novos conceitos, que possam, também, alçar a um nível de universalidade, a partir da leitura de teorias consolidadas e da leitura das obras literárias.

Apenas alguns exemplos e perguntas que apontam esta direção: que elementos teóricos poderiam ser elaborados a

parir da leitura de obras de ficção que bebem no poço fecundo da cultura popular? Será que vale a pena ficar aplicando determinados esquemas conceituais do estruturalismo ou outros ligados a qualquer outra corrente teórica? No âmbito da poesia, são numerosos os estudos que aproximam alguns de nossos poetas consagrados de determinados poetas/pensadores europeus. Nada contra estas aproximações, mas, por outro lado, para dar um exemplo de autor muito comparado a certas perspectivas europeias, há também um João Cabral que bebeu na fonte da tradição dos folhetos populares e que pode ser compreendido por uma nova clave. Não apenas a do formalismo e do cerebralismo. Também a literatura dramática pode suscitar muitas questões teóricas que outras teorias certamente não contemplariam. Veja-se, ainda no campo do diálogo com a cultura popular, as diferentes possibilidades reflexivas que a dramaturgia de Ariano Suassuna e de Lourdes Ramalho oferecem.

Esse tipo de formulação teórica deveria ser realizada, com certeza, na Universidade, sobretudo nos cursos de pós-graduação. Mas poderia ser suscitada pela leitura das obras já no nível médio.

Entre nós, o grande exemplo de reflexão que nasceu da práxis, e que alçou um nível de universalidade praticamente reconhecida em todo o mundo, é Paulo Freire. Mesmo assim, muitos insistem em buscar lá fora suas fontes teóricas de um modo muito servil. Quando lemos algumas teorias do chamado “letramento”, pergunto se não valeria a pena ler ou reler primeiro a *Pedagogia do oprimido*, e pensar nos pressupostos do Método Paulo Freire de alfabetização.

Retorno, para concluir estas provocações, à epígrafe deste artigo. Ela foi dita por um europeu que adotou nosso país e nossa língua e escreveu ensaios de rara profundidade sobre nossos poetas e prosadores. Do contexto em que ele fez esta observação até hoje, muitas coisas mudaram. As pesquisas

literárias deixaram de ser produzidas apenas no sudeste e sul, as Universidades se expandiram, as publicações se diversificaram. No entanto, o desafio continua presente. Há grandes exemplos de formulações teóricas nascidas a partir da leitura de nossas obras, como por exemplo, “A dialética da malandragem”, de Antonio Candido e vários outros. Mas no geral, ainda estamos aplicando teorias sem muitas vezes repensá-las no confronto com nossas realidades. Veja-se, no final do século passado e início deste, a proliferação dos “Estudos culturais” entre nós. A sede da novidade, a vontade de estar em sintonia com o que há de “mais novo”, tem nos desviado da pesquisa mais detida, demorada, muitas vezes fora de sintonia com o caráter novidadeiro que do mercado infligiu às nossas instituições de pesquisa e que quase sempre assumimos como um verdadeiro credo.

Reflexões finais

A proposta que vai aqui sistematizada pela primeira vez, pressupõe, por outro lado, uma política de leitura. Nos últimos cinco anos tivemos uma novidade no ensino fundamental: a presença da coleção *Literatura em minha casa*. Deixando de lado todas as críticas relativas à distribuição, ao destino que algumas escolas dão aos livros, a ausência de um acompanhamento metodológico e até mesmo o privilégio que têm as grandes editoras na publicação de algumas obras, a iniciativa é das mais louváveis. Inúmeros professores estão realizando um trabalho sério com os livros da coleção. Por que não, ao invés de gastar milhões de reais com livros didáticos caríssimos, não oferecer um cardápio de centenas de livros de literatura de diferentes gêneros e épocas para as escolas? Noutras palavras, porque não criar e equipar as bibliotecas públicas criando a possibilidade para o estudante pobre ter acesso às obras?

O que estou propondo pressupõe, de certo modo, deixar o livro didático como apoio e dedicar-se à leitura das obras. Ora, os leitores de escolas públicas, que não podem comprar livros, vão ficar, como sempre, fora de um projeto de leitura mais abrangente. Claro, estou sonhando com outra escola e até com outros professores. Mas o sonho nasceu da sala de aula, com alunos e professores concretos.

Referências

- CARPEAUX, OTTO M. **Ensaio Reunidos** - 1942/1978. vol. I. Rio de Janeiro: Universidade Editora e TopBooks, 1999.
- CAMPEDELLI, Samira Y. **Literatura: História & Texto**. 8 ed São Paulo: Saraiva, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **Crítica e Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: EUFC, 1987.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltenir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. **A função da crítica**. Trad. Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LINS, Álvaro. Crítica e estilo. In: **O relógio e o Quadrante (1940-1960)** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964..
- MONTEIRO, Adolfo Casais. **Clareza e mistério da crítica**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- TADIÉ, Jean-Ives. **A crítica literária no século XX**. Trad. Wilma F. R. de Carvalho Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- WELLEK, René **Conceitos de crítica**. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, s/d.
- WIMSATT, William K. e BROOKS, Jr e Cleanth. **Crítica literária: breve história**. 2. ed Trad. Ivette Centeno e Armando de Moraes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

¹ O livro de Wellek, na edição que tivemos acesso não traz o ano de publicação. O ensaio citado acima discute a concepção de diferentes críticos e teóricos. Para no nosso intuito, destaco uma definições do estudioso: “*Teoria literária* é o estudo dos princípios da literatura, de suas categorias, critérios, e assim por diante, ao passo que os estudos de obras de arte concretas são *crítica literária* (...)” (p. 13) A respeito das ligações entre crítica e teoria literária, Wellek afirma com lucidez que: “Não se chegou às teorias literárias, aos princípios, aos critérios, partido-se do nada: cada crítico desenvolveu sua teoria em contato (como o próprio Frye) com obras de arte concretas que ele teve que escolher, interpretar, analisar e, finalmente, julgar. As opiniões literárias, as classificações e julgamentos de um crítico são sustentados, confirmados e desenvolvidos pelas suas teorias e as teorias são suscitadas, apoiadas, ilustradas, concretizadas e tornadas plausíveis pelas obras de arte.” (pl 16/17).

² A título de exemplo, escolho um dos bons livros didáticos do ensino médio, o de Samira Yousseff Campedelli (1999) (*Literatura: História & Texto*). Das 320 páginas, até a página 139, o que temos são capítulos com intenção de fornecer de cara inúmeros conceitos, como se pode perceber já nos títulos: 1. A arte é uma linguagem; 2, A literatura é uma arte; 3. Os elementos da comunicação e as funções da linguagem; 4. Recursos literários e formais; 5. Os gêneros literários e por fim 6. Os elementos estruturais da narrativa. Não estou discutindo a competência da autora, que parece-me fora de dúvida, mas o caminho seguido que é o caminho dos livros didáticos em geral.

³ Tenho em mãos, fornecida por uma professora, um questionário com 50 perguntas, aplicado por uma professora de nível médio aqui de Campina Grande.

⁴ Sobre o interesse dos alunos por textos literários, veja-se as pesquisas de Bittencourt (1997), realizada em Porto Alegre e a de Euda Cordeiro (2002) realizada em escolas públicas e particulares de Campina Grande.

⁵ Sobre as funções da crítica, as diferentes concepções sobre ela, veja-se, entre tantos outros, os ensaio “Crítica Literária”, de Carpeaux (1999), e o livro *Clareza e mistério da crítica*, de Adolfo Casais Monteiro (1961). Afrânio Também Afrânio Coutinho (1980), Antônio Candido (1985) refletiram sobre a questão da crítica. O crítico goiano Wandel Santos (1987) deixou importante contribuição sobre a questão da crítica. Mais contemporaneamente, veja-se o livro *A crítica Literária*, de Jérôme Roger, que, embora mais voltado para a tradição francesa, traça um importante panorama da evolução da crítica a partir do século XIX.

⁶ Discordamos, portanto, de Terry Eagleton (1999) que afirma que “a crítica literária atual perdeu toda relevância social.” (p. 1)

⁷ O ensaio de Arrigucci está no livro *Os pobres na literatura brasileira*,